TL119

TEXTO INTEGRAL-LEITURA METÓDICA E RECREATIVA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Núcleo de Estágio de Estudos Portugueses

Elsa Pereira
Inês Silva
Maria José Nogueira
Teresa Cristo

ÍNDICE

I - Apresentação do Trabalho 2

II - Fase preliminar do Trabalho de Projecto 3

III - I Momento 5

IV - II Momento - Dia de Timor 8

V - Plano de Unidade - Conto Tradicional Timorense 9

VI - Conto Tradicional Timorense - "O crocodilo que se fez Timor"

VII - Análise do Conto - Leitura metódica 12

VIII - III Momento 25

IX - Anexo 1 27

X - Anexo 2 28

XI - Bibliografia 29

> **"A Liberdade está na leitura, não na escrita"**
>
> **Armando Moreno**

Como não era nossa intenção iniciar o trabalho expondo teorias, optámos por partir de uma afirmação de Armando Moreno, para desta forma provocar um "brainstorming", acerca da importância da leitura, enquanto mecanismo que leva ao preenchimento dos espaços em branco, processo pelo qual é possível dar vida a qualquer obra.

Para que, aos nossos alunos seja possível o preencimento desses espaços, há que lhes fornecer um maior conhecimento da(s) realidade(s), levá-los à aquisição de uma maior bagagem cultural, contribuindo assim, para um mais alargado "background".

De que forma pode a Escola veicular estes elementos?

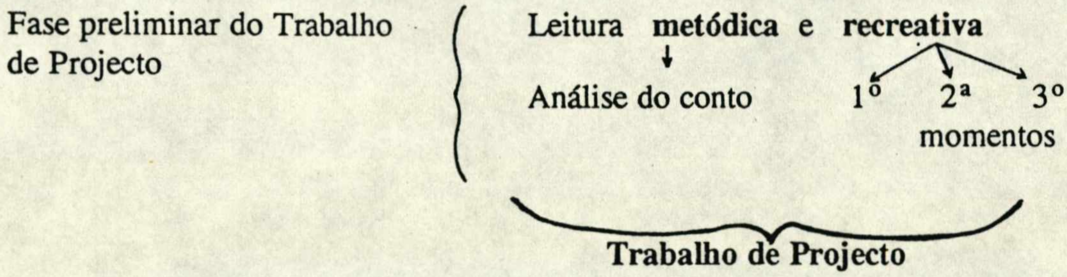
Antes de mais, fornecendo aos alunos mecanismos que lhes permitam, mais tarde, entender e interpretar diferentes tipos de textos, e aqui, estamos no âmbito da leitura metódica.

Mas como criar neles o gosto pela leitura?

A resposta a esta pergunta, conduz-nos imediatamente ao caminho da leitura recreativa.

Sendo, hoje em dia, tantas e variadas as formas de ocupar os tempos livres, à Escola cabe a função de não descurar o contacto que os alunos possam ter com obras que sejam da sua livre escolha, e incentivá-los a esse mesmo contacto com os "livros".

Foi nesta perspectiva, que decidimos inserir o nosso trabalho no Trabalho de Projecto, e que, para uma melhor exposição, dividimos nas seguintes partes:


Fase preliminar do Trabalho de Projecto
Leitura metódica e recreativa
Análise do conto
1º 2ª 3º
momentos
Trabalho de Projecto

FASE PRELIMINAR DO TRABALHO DE PROJECTO

Objectivos Gerais:

Levar os alunos a:

- agir, tendo em vista um fim útil a si e aos outros.
- abrirem-se aos problemas do meio que os rodeia.
- serem mais responsáveis - os alunos têm direitos e deveres e devem estar conscientes deles.
- apropriarem-se de conhecimentos - o aluno, ao ser confrontado com a realidade, vai, pouco a pouco, construindo saberes, isto é, através de um grande número de situações vividas, constrói-se, progressivamente, um conjunto de saberes visados e também uma mudança de atitudes.

Fases do Trabalho de Projecto

1ª fase - **Identificação do problema**

Teve que se escolher uma temática e esta recaiu sobre Timor. Porquê Timor?

- Houve um primeiro contacto do M.C.P. (Movimento Cristão para a Paz), que pediu para abordar o problema de Timor nas aulas de Português.
- Por sugestão do "Público na Escola", cujo texto anexamos, e que apelava aos professores para tratarem o tema com os alunos.
- Achámos importante trabalhar um tema actual e polémico nos nossos dias, porque a Escola não está, nem pode estar, desfasada da realidade.
- Consideramos importante chamar a atenção dos alunos para a solidariedade entre os povos, porque não podemos ficar alheios a problemas, que todos dias nos entram em casa através dos "mass media" - os conflitos na Bósnia, o problema de Angola e Moçambique. É, pois, importante sensibilizar os alunos para esta realidade com que deparamos.
- Aproximava-se o aniversário do massacre de Santa Cruz e o problema parecia estar adormecido.

2ª fase - **Contrato**

O tema foi proposto à consideração dos alunos, que se mostraram interessados em aderir a uma causa humanitária, apesar da pouca informação que possuíam em relação a este problema.
Esta falta de informação "ignorância" está patente num texto produzido por uma aluna, o qual está inserido na selecta (texto da Ana Sofia do 10ºD, em anexo).

Após a proposta do tema e sua aceitação passou-se de imediato à fase seguinte.

3ª fase - **Planificação**

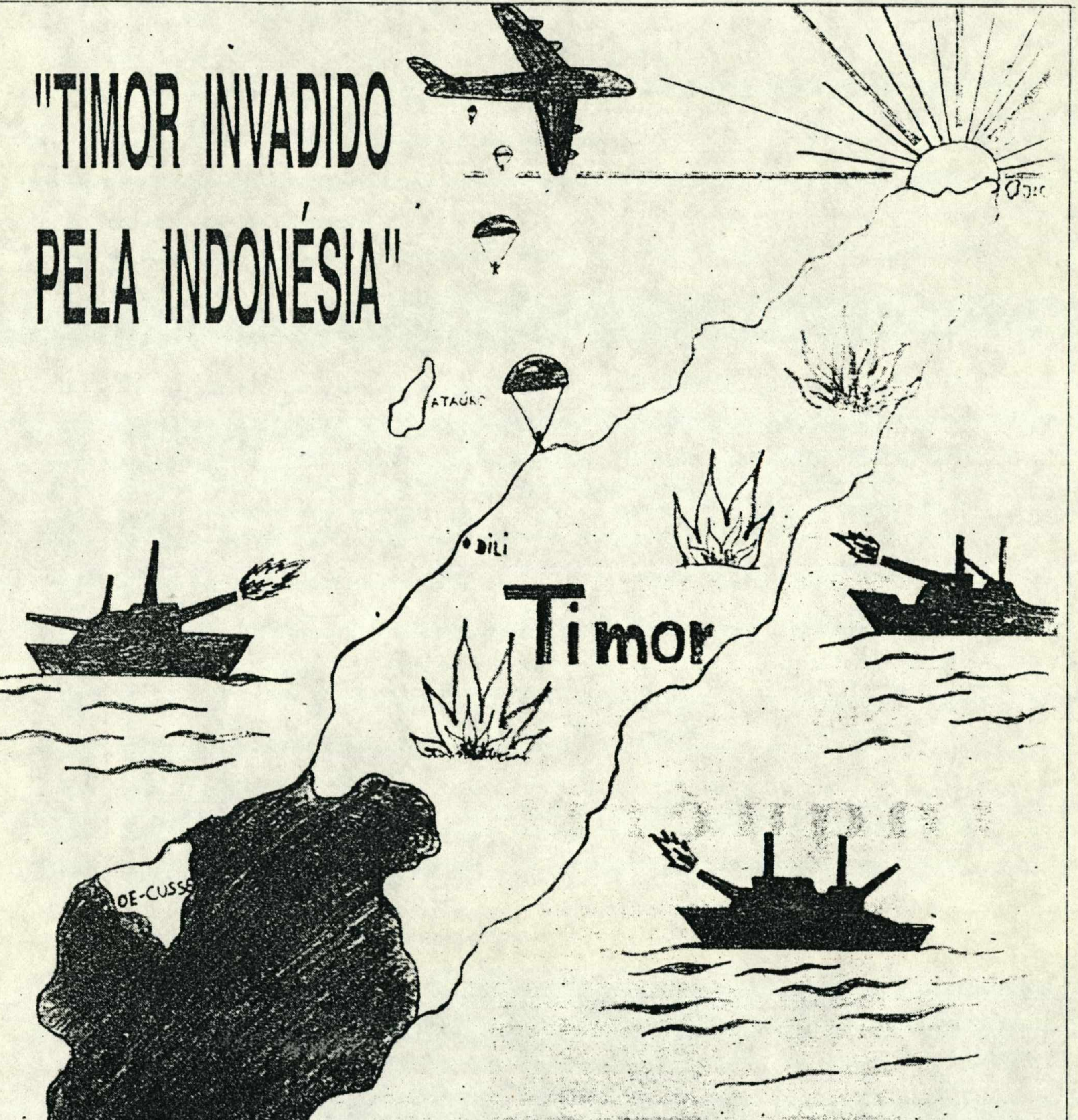
Elaborou-se um plano de actividades, nunca perdendo de vista a leitura metódica e recreativa que está inserida neste Trabalho de Projecto, o qual foi levado à consideração do Grupo de Português e à aprovação do Conselho Pedagógico.

4ª e 5ª fases - **Avaliação intermédia e final** (estas duas fases finais do Trabalho de Projecto serão referidas mais adiante).

7 DE DEZEMBRO

O MOV. CRISTÃO PARA A PAZ (MCP), A ASSOC. DE JOVENS POR TIMOR (AJT) E A COMIS. PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE DO PORTO (CDPM)

"TIMOR INVADIDO PELA INDONÉSIA"


ATAÚRO
DILI
Timor
OE-CUSS

AUTODETERMINAÇÃO PARA TIMOR-LESTE

Tens Um Amigo Britânico? Fala-lhe Então do Seguinte Assunto:

GRÃ-BRETANHA VENDE ARMAS À INDONÉSIA

Encontra-se numa fase muito adiantada de negociação um fornecimento de 44 aviões de caça Hawk à Indonésia. O montante que atinge este contrato - 600 milhões de Libras (cerca de 130 milhões de contos) - colocará a Grã-Bretanha no 2º lugar das vendas de armas à Indonésia.

Os aparelhos, ditos de treino, são facilmente convertíveis para funções de combate e ataque ao solo, tal como já aconteceu a outros 20 no passado, tanto mais que esta venda se segue a um protocolo assinado em 1991 e que tem em vista a produção local destes aparelhos pela companhia estatal indonésia, a IPT Nusantara. Os outros Hawk já têm sido usados em Timor-Leste. Pelo lado britânico, o negócio envolve a British Aerospace e a Rolls-Royce, fabricante dos motores a jacto. A prometida transferência de tecnologia terá sido um elemento decisivo na promoção deste contrato.

A importância económica desta venda explica com certeza as atitudes conciliatórias tomadas pela Grã-Bretanha face às violações de Direitos Humanos praticados pela Indonésia, bem como as dificuldades postas ás tomadas de posição pela Comunidade Europeia relativas a Timor-Leste, nomeadamente na cimeira de Junho em Lisboa ou aquando da reunião dos dadores de apoio económico, em Julho, em Paris. Aliás, a Gra-Bretanha subiu o montante do seu apoio.

A perspectiva de mais este fornecimento tem sido criticada em ambas as Câmaras do parlamento britânico, onde cresce o apoio a propostas de ambargo às vendas de armas.

As trocas comerciais entre a Grã-Bretanha e a Indonésia, de âmbito militar, têm proporcionado outros bons negócios nos últimos tempos:

Mísseis Rapier para defesa aérea, no montante de 340 milhões de libras;

Um navio de reabastecimento;

Sistemas de controlo de voo, envolvendo uma empresa britânica e outra alemã - 350 milhões de libras. E como o futuro deste mercado não pode ser descuidado, há ainda bolsas de estudo para militares, um programa de cooperação com a polícia - o Simpósio Aeronáutico de Bandung...

Entretanto, a Alemanha autorizou a venda à Indonésia de unidades da marinha da ex-RDA: aí vão, sempre úteis, nove draga-minas, 14 lanchas de desembarque e 16 barcos-patrulha rápidos.

"TROPAS INDONÉSIAS INVADIRAM TIMOR"

Foi há 17 anos... Timor era manchete dos jornais portugueses. O "rescaldo" da Revolução de Abril impediu que Portugal encarasse a situação com a calma necessária. Passado todo este tempo de marasmo completo, Timor volta de novo às primeiras páginas da actualidade. É caso para dizer: mais vale tarde do que nunca.

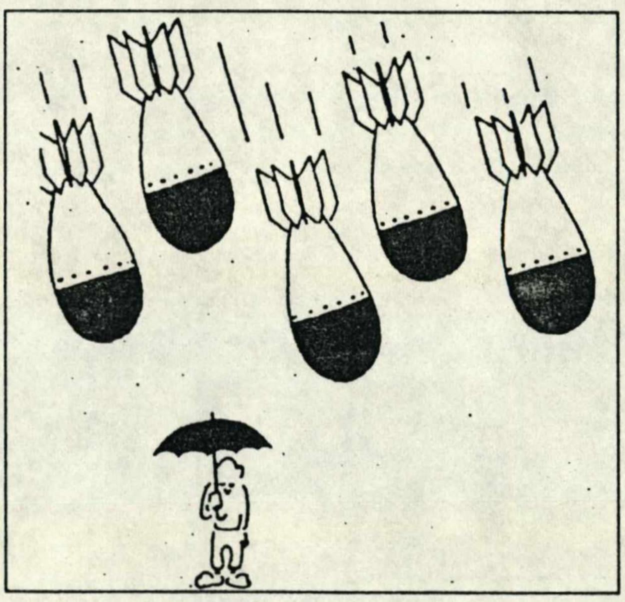
Estávamos no dia 8 de Dezembro de 1975, quando Portugal acordou com a notícia da invasão de Timor-Leste. As ameaças de um ataque iminente da Indonésia concretizavam-se.

Os jornais diários noticiavam assim o acontecimento: **"Timor Invadido - Díli ocupada por forças indonésias"** (Comércio do Porto); **"Timor Invadido pelas forças indonésias - Portugal cortou relações diplomáticas com o governo de Jacarta"** (Primeiro de Janeiro); **"Tropas indonésias invadiram Timor - conquistada a capital- morte de muitas mulheres e crianças"** (Jornal de Notícias).

A cobertura da invasão não difere muito entre os vários jornais - as fontes de informação eram as mesmas e os comentários escasseavam. Fazem uma descrição da possível invasão, apoiando-se em informações que lhes são transmitidas pelas diferentes agências de notícias. Todos os meios de Comunicação Social se referem a uma operação de grande envergadura, que conta com a participação de fuzileiros navais, paraquedistas e navios da Marinha de Guerra.

Em declarações à opinião pública, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, Adam Malik, defendia que **"o desembarque indonésio foi efectuado por razões humanitárias a pedido das autoridades locais"**. Por seu lado, um membro da comissão central da Fretilin apelava uns dias antes: **"Vamos ser mortos. Fazei qualquer coisa. Fazei qualquer coisa"**.

Timor é abordado nos jornais da época. O "Jornal de Notícias" é talvez o diário que mais cobertura dá ao evoluir da situação do "Timor português". Enquanto o "Comércio do Porto" e o "Primeiro de Janeiro" se limitam noticiar a invasão e factos esporádicos relativos ao assunto; o "Jornal de Notícias" dá, quer antes quer depois do ataque, uma especial atenção ao desenvolvimento dos acontecimentos.



O assunto foi morrendo com o tempo e só ressuscitou com o massacre de Díli, em 12 de Novembro do ano passado. Os media e a sociedade em geral despertaram apenas com as imagens dramáticas do cemitério de Santa Cruz. Imagens que constituíram e constituem, afinal, o dia-a-dia do povo de "Timor Loro Sa'e".

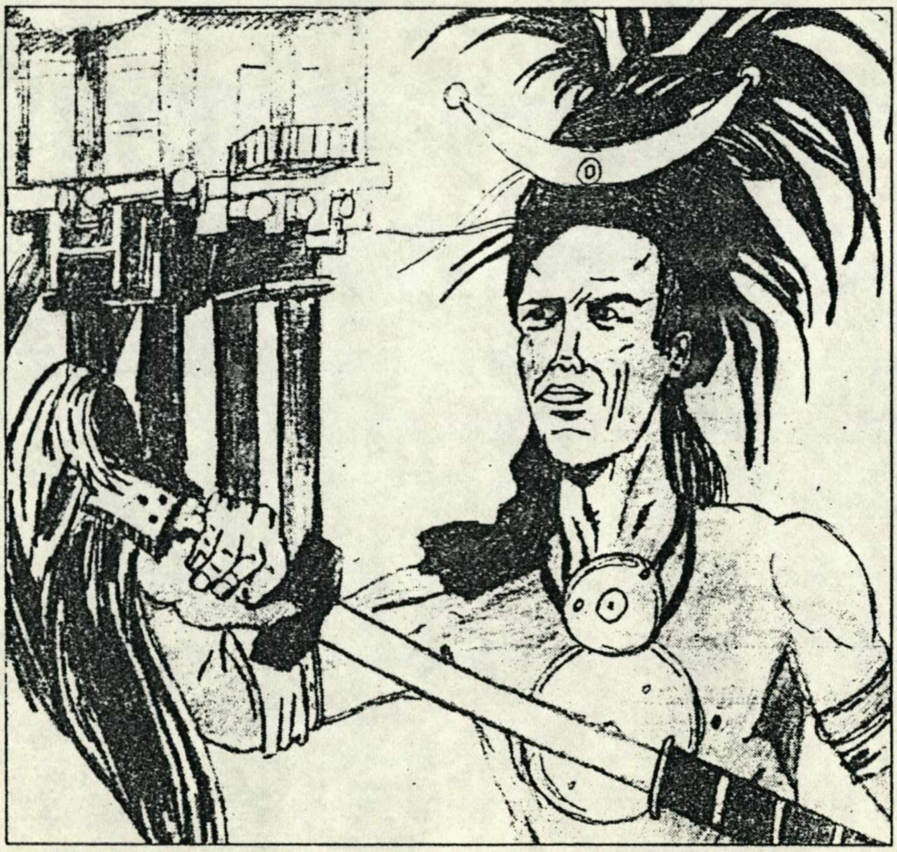
Mª José Mendes

TIMOR, SIIIM!... SHELL, NÃÃÃOOO!...

...E DE OUTROS...OS ASSASSINOS!

Sentenças foram aplicadas a militares pelos tribunais indonésios em relação com o massacre de Santa Cruz. Organizados para dar satisfação a governos estrangeiros, os julgamentos não cuidaram de esclarecer qual das unidades presentes disparou primeiro sobre a multidão indefesa.

Os julgamentos tiveram lugar como resultado das medidas adoptadas por Suharto após o massacre. A nomeação, para o efeito, de um Conselho de Honra Militar com poderes de investigação e acção disciplinar, não tem precedentes nos 26 anos do regime de Suharto. Disciplinar oficiais e punir soldados causaria boa impressão em governos estrangeiros e restauraria a influência do Presidente nas Forças Armadas.



Fruto da sua acção, seis oficiais foram alvos de procedimento disciplinar : três expulsos do exército e três afastados dos seus postos. Todo o escalão máximo em Timor-Leste foi substituído. E finalmente, o Conselho enviou a tribunal marcial nove militares e um agente da polícia.

Os julgamentos realizaram-se em tribunais militares em Den Pasar (Bali) ou no comando policial regional. Foram públicos e tiveram cobertura na imprensa.

Todos os acusados, em número de dez, responderam à acusação de desobidiência de ordens, apesar de nove deles terem admitido ter disparado sobre a multidão.

Os acusados podem ser divididos em quatro grupos: três eram sargentos; outros dois, soldados rasos; um terceiro grupo consistindo de dois oficiais de baixa patente; por fim, um tenente e um cabo de polícia.

Os sargentos Udin Syukur, Aloysius Rani e Petrus Saul Mada tinham instruções para permanecer no comando militar subdistrital, KODIM 1627. De acordo com os seus testemunhos, entraram em acção quando viram o major Gehran Lantara e o seu ajudante, o soldado Domingos, serem trazidos para dentro, a sangrar, após terem sido apunhalados por manifestantes. Todos admitiram ter disparado contra os manifestantes.

Os dois soldados rasos, Mateus Maya e Afonso de Jesus, foram encarregados de conduzir o major Lantara ao hospital e admitiram ter disparado do carro contra os manifestantes.

Os três oficiais, o 2º tenente Mursanib, o 2º tenente John Aritonang e Hadrianus Eddy Sunaryo, encontravam-se à frente de três pelotões (72 homens) que funcionavam como unidades controle de motins na manifestação. A frente era constituída por uma Brigada Móvel, enquanto que os outros pelotões (II e III) provinham do Batalhão 303.

A certa altura os dois pelotões avançaram, segundo instruções do tenente Mursanib e, tendo ouvido disparos por outras forças, não identificadas, também abriram fogo.

O 2º tenente Sugiman Mursanib era responsável pela força anti-motim já referida, enquanto o 2º tenente John Aritonag comandava o pelotão II. Mursanib disse ao tribunal que, confrotado com uma multidão incontrolável, ordenou aos pelotões do Batalhão 303 para passarem para a frente da Brigada Móvel, mas afirma que a primeira ordem de disparar não veio dele. Quando as suas tropas chegaram ao cemitério, ouviram disparos do portão principal. "Havia tropas não identificadas. Apenas ouvimos os tiros" John Aritonang confirmou que o tiroteio vinha de duas direcções e identificou as tropas como sendo da Companhia A, Sector C, do Batalhão 303. Alguns estavam em uniforme, enquanto outros vestiam roupa variada. Ouvindo o tiroteio, os dois pelotões do 303 juntaram-se-lhe. Havia pessoas a cair para o chão mas o tiroteio continuou, especialmente das forças não identificadas. Os juízes não inquiriram mais acerca das tais forças não identificadas.

Quanto ao último grupo de acusados, estavam em missão de observação. O tenente Penpada disse ter batido em manifestantes mas negou ter usado a arma. O cabo Martin Alau foi o único polícia julgado, tendo sido condenado a 17 meses de prisão: foi considerado culpado de cortar uma orelha a um manifestante.

Não obstante, um testemunho de um timorense ferido gravemente no massacre, divulgado pela Resistência, refere ter o cabo Alau morto dois manifestantes feridos, caídos no cemitério, onde aquele também já se encontrava.

Várias conclusões se podem tirar destes julgamentos, que duraram um total de oito dias. Uma delas é que não estava em causa qualquer apuramento sério do que se passou e muito menos de quaisquer responsabilidades.

Comentando a descrepância entre estes veredictos e os julgamentos dos timorenses acusados de organizar a manifestação, o General Benny Murdani defendeu tais resultados afirmando que os timorenses *"foram considerados culpados por subversão enquanto que os militares foram considerados culpados de ignorar instruções."*

José Paulo

e Juristas por Timor-Leste:

DE UM ANO

por Pedro Pinto Leite (Secretário Geral da Plataforma)

de Timor-Leste. É o caso da Professora Christine Chinkin, da Universidade de Sydney (para a Oxford University Press), do Professor Barbedo de Magalhães (na Universidade do Porto), entre outros.

-A Plataforma tem participado nos trabalhos dos grupos de solidariedade com Timor-Leste em muitos países. Faz também parte de algumas coligações nacionais de grupos de solidariedade, como o BOOT, na Holanda, e o BCET, no Reino Unido.

-Em Outubro, a Plataforma participou, através de vários dos seus membros (os Professores Adriano Moreira, Paula Escarameia e Barbedo de Magalhães, José Manuel Pureza e eu próprio), num seminário destinado à formação de agentes dinamizadores (os organizadores desse seminário, José Ramos Horta, representante do Conselho Nacional de Resistência Maubere, e Ana Nunes, de "A Paz é Possível para Timor-Leste", são, aliás, também membros da Plataforma).

Entre as acções de âmbito internacional que a Plataforma promoveu, há que distinguir as acções pontuais, normalmente simples reacções, acontecimentos, e as programadas com antecedência pelo Conselho. Comecemos pelas pontuais:

- Logo após o massacre de Díli, a Plataforma enviou uma carta de protesto, assinada por professores de Direito e outros juristas de vários países, a Perez de Cuellar. Mais tarde solicitou ao ministro da Justiça indonésio que viabilizasse a entrada de uma missão da Plataforma em Timor-leste e que autorizasse o acompanhamento dos julgamentos dos timorenses presos em Díli e em Jacarta. Perante o silêncio do Governo de Jacarta, membros da Plataforma de alguns países ofereceram-se para integrar missões de outras organizações, que, contudo, depararam com o mesmo problema. Como alternativa a Plataforma procurou contacto com os advogados indonésios escolhidos pelos detidos e ofereceu-lhes toda a assistência de que eventualmente pudessem necessitar. Com a ajuda do Professor Garth Nettheim, membro da Plataforma e do Comité executivo da Comissão Internacional de Juristas na Austrália, a Comissão conseguiu finalmente que um advogado australiano pudesse acompanhar parte de um dos processos: o pouco a que este pôde assistir foi no entanto suficiente para mostrar que os julgamentos não foram mais que uma farsa. Numa carta enviada em Maio a Boutros-Ghali, assinada pelos sete membros do seu órgão executivo, a Plataforma expôs as razões porque os julgamentos dos timorenses são uma violação do Direito Internacional e requereu a urgente intervenção do Secretário-geral da ONU naquele assunto.

-Em Março, a Plataforma colaborou na iniciativa da Missão Paz em Timor. No Lusitânia Expresso seguiram dois membros da Plataforma; um deles, Shambu Chopra, deu apoio jurídico, necessário para a tomada de certas decisões, aos responsáveis da Missão.

De entre as actividades programadas, o Conselho deu especial atenção às que se inscrevem nos trabalhos de organizações internacionais (governamentais e não-governamentais): assim, a Plataforma esteve particularmente activa na ONU. Em Fevereiro, em Genebra, tive oportunidade de ler uma petição, ainda que em nome de outra organização, perante a Comissão dos Direitos Humanos.

Mas as actividades internacionais programadas que mais se destacam, e que justificam pela sua especificidade a razão de ser da Plataforma, são as que ligam a análise jurídica da questão de Timor-Leste à divulgação do problema, com especial acento nos meios académicos e centros de poder político a nível mundial. De referir que, a 5 e 6 de Dezembro/92 realizou-se uma conferência em Londres, organizada pela Plataforma e pelo Instituto Católico para as Relações Internacionais, com sede naquela cidade. A ideia que presidiu à organização da conferência foi tratar as questões jurídicas mais importantes e mais actuais que se prendem com a ocupação de Timor-Leste pela Indonésia; a negação do direito à autodeterminação, o genocídio, os massacres e outras violações graves dos direitos humanos, as normas peremptórias de Direito Internacional que estão em causa, as soluções dadas a outros casos de ocupação colonialista (como o Sahara Ocidental e o Kuweit), os recentes julgamentos de Jacarta e Díli, os aspectos processuais e materiais do caso de Timor-Leste, entre Portugal e a Austrália, que está a decorrer no Tribunal de Haia.

No início de 93 será publicada pela Plataforma, com a colaboração de instituições portuguesas e inglesas, uma obra colectiva sobre a questão de Timor-Leste à luz do Direito Internacional. Dezanove autores estão a colaborar nesta edição, que será distribuída pelo maior número possível de bibliotecas, livrarias, Faculdades de Direito, e Governos. O livro, em inglês, incluirá uma versão mais elaborada das comunicações apresentadas na conferência de Londres. Terá três partes: uma sobre a história antiga e recente de Timor, outra sobre relações internacionais e por fim sobre os vários aspectos jurídicos da questão.

Finalmente em muitas Faculdades de Direito da Ásia, Austrália, América, África e Europa estão já afixados cartazes a anunciar a terceira grande iniciativa da Plataforma: o prémio anual para o melhor trabalho académico, na área do Direito, sobre a questão de Timor-Leste.

Quando, em Maio passado, o Conselho Internacional da Plataforma reuniu em Leiden, José Manuel Pureza, membro responsável por Portugal e África, (honi soit...), advertiu-nos: "Temos de dar mais publicidade ao que fazemos. Um jornalista perguntou-me em Março se a Plataforma já tinha morrido!" É bom recordar que, no que respeita a Timor, Portugal atravessava então uma fase de intensa actividade e euforia (no seguimento do Lusitânia Expresso), mas, ainda que feito o devido desconto, duas verdades ficam sempre: que a Plataforma não estava a corresponder como devia ao interesse da informação portuguesa pelo problema de Timor e que em Portugal se esperava muito da Plataforma. Desde então foram reforçados os nossos contactos com a imprensa e a rádio, pelo que o primeiro problema, penso, já não se põe mais. Em Agosto, tive a oportunidade de falar num jornal (PúBLICO, em Lisboa), e numa estação de rádio (TSF, em Coimbra), e os meus interlocutores sabiam que a Plataforma estava viva, e bem viva. Espero que este relato, embora caótico e incompleto, tenha ajudado a reforçar essa ideia. Em resumo, apesar de a Plataforma, pelas razões acima apontadas, ainda não ter uma estrutura e maquinaria muito eficientes, creio que da quantidade e da qualidade das suas iniciativas se pode concluir que o saldo é positivo. Pelo que a resposta à pergunta acima feita mesmo que as expectativas fossem grandes, deverá no meu entender ser afirmativa.

Fernando Sylvan
Timorense, Presidente da Sociedade de Língua Portuguesa

Futuro da Palavra Maubere

Alguns timorenses protestam contra o uso da palavra **Maubere** no significado que, felizmente, hoje tem: nome de povo e de tudo o que lhe é relativo. E isso, porque, dizem, se trata de um vocativo pejorativo por a palavra **maubere** significar **zé-ninguém**; mas na região dos galólis, de onde é originária, foi desde não se sabe quando, nome masculino de gente, consequentemente substantivo próprio. O nome tornou-se vulgar e com isso ganhou força expansionista, talvez nem tanto por si mesma, mas por corrosão absorvente dos colonialistas. Não vale tentar segurá-lo.

O nome próprio Maubere (talvez Mau-Bere) tem crescido, positivamente, de forma extraordinária e espectacular. Para além de continuar como nome próprio masculino e nome de povo, é adjectivo. Na verdade, Maubere quer dizer actualmente povo de Timor-Leste e tudo o que lhe é relativo. É a única palavra da língua teto que se universalizou.

É difícil, por enquanto, descobrir-lhe a origem. Não pode mesmo a propósito dela dizer-se mais do que ser palavra masculina, por a partícula **mau** indicar-lhe o género.

Nenhum outro vocábulo teto, uma das muitas línguas de Timor-Leste e a única de serviço intercomunicário, teve mais rápido movimento, e isso, indesmentivelmente, pelo que dela fez e faz a Resistência, dentro e fora, sobretudo fora das fronteiras de Timor-Leste. É esta palavra que viaja, altaneira, na Comunicação Social de todos os países, nos organismos de Apoio em numerosos Estados, nos areópogos internacionais, em todos os sítios, enfim, inserida na generalidade das línguas cultas.

É só por isso que a palavra **maubere** tem crescido de forma extraordinária e espectacular. Novo sentido se lhe colou e a encorpou. É palavra usada no português e internacionalmente, em conversa de rua, discurso político, texto poético ou erudito, porque, na verdade, a invasão indonésia e o genocídio consequente, com o trazer da questão dos Mauberes ao primeiro plano das preocupações nacionais e internacionais, fez com que a palavra **maubere**, tal e qual, fosse inserida, e vivesse, sem tradução, em todos os idiomas. Como, é claro, na língua portuguesa. De facto, o uso da palavra maubere é corrente e apreendida no seu significado maior.

E isto, apesar de ter começado por ser, apenas, vulgar antropónimo masculino. Tão vulgar como o são no português os antropónimos **António** e **João**.

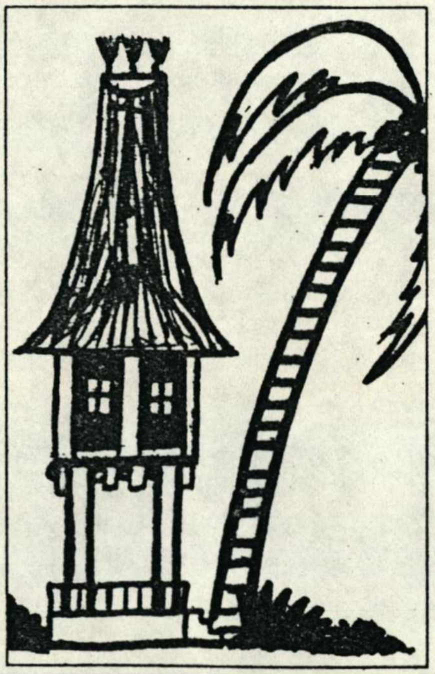
O nome próprio Maubere aparece a ilustrar exemplos de casos característicos em que filhos modificam, a partir do seu próprio nome dos pais, acrescentados de Inan ou Aman conforme à Mãe ou ao Pai. No caso de primogénito Mau-Bere, a mãe ficava a chamar-se Mau-Bere Inan e o pai Mau-Bere Aman. Inan, significa feminino, mãe, mulher; Aman, significa masculino, pai, homem (*).

Como não havia apelidos, explicava-se a necessidade desta combinação a partir de nomes próprios, femininos ou masculinos, para identificação na estrutura familiar.

A necessidade de agrupação, por meio de apelido, impôs-se. Outros métodos empíricos, ainda hoje em uso, não cobrem a complexidade da questão, exemplo de "Estes rapazes e raparigas são filhos do Zé da Ponte" (porque toda a gente sabia que morava junto da ponte). "Aqui estão as filhas e o marido da Mariana do Moleiro" (porque toda a gente sabia que a Mariana era filha de certo moleiro do sítio).

Mau-Bere, tudo indica, à partida não era senão antropónimo masculino indicava apenas o indivíduo desse nome; mas era vulgar, frequente, pelo menos até aos anos 30.

Generalizando-se tal antropónimo, é de admitir que, então, o nome Mau-Bere tenha servido aos colonialistas para lhe darem sentido paralelo aos que se contém em zé-ninguém joão-dos-anzóis ou maria-tonta usados em Portugal em sentido depreciativo. Simplesmente, como é óbvio, zé-ninguém não é usado para todos os Josés, joão-dos-anzóis para todos os Joões, maria-tonta para todas as Marias, mas só em relação a indivíduos de quaisquer nomes para marginá-los, humilhá-los ou, simplesmente, caracterizá-los. Portugueses usavam preto ou preta ou pretos para nomear indivíduos ou raças africanas e, a tal ponto, que homens e mulheres se deixavam chamar assim. Na sociedade portuguesa como havia o hábito de caracaterizar pessoas pelos defeitos físicos ou certos dos seus sinais característicos, era vulgar ouvir-se como se fossem nomes próprios **coxo, marreco, cego, preto, zarolho, chinês, mulato**. Felizmente, e quase num ápice, essas marcas caíram em desuso.



Em relação à palavra Maubere pode explicar-se, pois, pelo complexo de superioridade dos colonialistas. Muitos, quase todos, dos portugueses que iam para Timor eram proscritos, marginalizados, castigados, condenados, escória social.

O antropónimo Maubere ter-se tomado de significativo pejorativo não foi, de certeza, da iniciativa de naturais de Timor. Foi imposição de colonialistas. A generalização de paralelismos com zé-ninguém e joão-ninguém só foi possível por esse complexo.

Talvez primitivamente houvesse o nome Bere e fosse mais tarde precedido pelo determinativo Mau. Hipótese. Pode até admitir-se que o vocábulo tivesse, primeiro, sido usado como hipocorístico e se engatinhasse como antropónimo, ao contrário da lógica.

É assim que pode ter-se generalizado o uso da palavra Maubere conexada a zé-ninguém e, consequentemente, se carregasse do sentido pejorativo por acção do colonizador, dada a maior mobilidade dele. Daí ter-se inserido nas outras línguas locais, despida do sabor nativo.

Do que não há dúvida é de que, principalmente pela projecção da Resistência, palavra Maubere se impôs como nome próprio ou colectivo e como adjectivo. O vocábulo hoje usado na língua portuguesa e pode dizer-se que nas línguas cultas do mundo inteiro e em todas as situações, outra coisa não quer dizer senão povo de Timor-Leste e o que a ele é relativo.

Os mesmos que defendem que o substantivo próprio Maubere por se ter

(Continua pág. 11)

LIBERDADE PARA O POVO MAUBERE

O DIREITO INTERNACIONAL E OS HOMENS

A infância é aquela idade fértil para aprender jogos e outras brincadeiras. Normalmente são os mais velhos que nos ensinam os jogos que eles dominam. Nós limitamo-nos a dedicar toda a nossa atenção às explicações. A curiosidade é tanta e a vontade de jogar irreprimível.

Mal terminam as explicações, jogamos logo com quem nos ensinou. Perder a primeira, a segunda e até a terceira partida é coisa normal para quem acaba de aprender. Mas vamo-nos apercebendo dos nossos erros e vamos melhorando de jogo para jogo. Eis que num dos jogos surpreendemos o mais velho, dando mostras de que o jogo está quase ganho. Não deve ser nada engraçado, para os mais velhos, perder com crianças. Pelo menos para alguns!

É na altura de cantarmos a nossa primeira vitória que as regras do jogo mudam. Há sempre uma nova regra que o mais velho tenta introduzir, uma ou outra alteração que vai mudar a sorte do jogo. Quem não passou por isto durante a infância?...

Mas, afinal, os homens nunca crescem. Continuam sempre infantis. Querem ganhar sempre aos mais novos, aos mais fracos. A técnica é a mesma. Inventam novas regras de jogo, fazem algumas alterações ou, na pior das hipóteses, recorrem à força. O que mais lhes incomoda é a capacidade dos mais novos (leia-se dos mais fracos) de se adaptarem a todas as novas regras e ganhar os jogos.

A prova de que os homens não crescem é, sem dúvida, o Direito Internacional. Todos nós ouvimos falar dele. Sabemos que existe de facto, mas... como compreendê-lo? Apenas como um jogo infantil, onde os mais fortes alteram as regras do jogo conforme os seus interesses! Este Direito não tem servido senão para legitimar as relações de poder, esquecendo-se dos outros direitos que os povos têm. Como é que se explicaria a situação de Timor-Leste e do Sahara Ocidental? É que, neste jogo, só o Iraque não estava do lado de Marrocos e da Indonésia, apesar de jogar com os mesmos trunfos.

E como a mudança não está para breve, fala-se da Nova Ordem Internacional. O que terá mudado este chavão? E esta Nova Ordem será uma melhor Ordem Internacional? Os homens não crescem. O jogo continua a ser o da infância!... Mas agora há mortos. Há povos martirizados. É com essas mortes que cai a máscara da hipocrisia dos que fazem do Direito Internacional um jogo infantil. Neste jogo, aos mais novos resta apenas tirar sempre proveitos das suas capacidades de aprender rapidamente e de ganhar seja quais forem as regras, porque a que sobreviver a toda esta hipocrisia...

Leonardo Júnior

Futuro da Palavra Maubere

(Continuação da pág. 9)

tomado, em tempos recuados, de significado pejorativo não deve ser usado como hoje o é, estão mas é a castigá-lo, a asfixiá-lo, para que não se dilate e viva no plano que já conquistou.

São tantos os vocábulos antigos ou mesmo menos antigos que se modificaram para um outro ou um melhor sentido que este artigo não chegaria para referi-los. É próprio, é mesmo sinal de vida em línguas cultas. Seria fastidioso trazer exemplos, incluindo alguns do nosso quotidiano, de palavras que variam de significado de região para região, ou de Portugal para o Brasil, o mesmo vocábulo mudando de sentido, às vezes tornando-se até oposto, outras vezes ofensivo ou amaneirando-se. Vejamos como a palavra **rapariga**, que em Portugal é simplesmente feminino de rapaz, mulher nova, moça, menina pequena, e que no Brasil pode significar meretriz, mais, que correntemente o significa.

Deixo, contudo, um último exemplo: a palavra cristão não sobreveio logo à morte de Cristo. Seguidores da Via era como se designavam todos os que O seguiram em vida e durante mais de 100 anos. Passado um século, ainda os cobradores de impostos em Antiochia designavam pejorativamente, ofensivamente, desprezivelmente, de **cristãos** os Seguidores da Via. Era um anátema, qualquer coisa como uma excomunhão.

Disse anátema, palavra-chave que usei: ora anátema teve inicialmente o significado de **coisa oferecida a Deus** e surgiu depois da versão dos Setenta com o de **coisa destinada por Deus à destruição**. O oposto.

Voltando, para terminar, à palavra Cristão, que surgiu com significado altamente pejorativo, e o manteve por mais de 100 anos, pergunto se alguém, religioso ou não, se atreverá a usá-la que não seja no sentido universal e esplenderoso que hoje tem, que tem tido há quase dois mil anos.

Palavra mágica! Maubere! Usemo-la no coração, na inteligência, no ensino e na luta.

(*) Os nomes próprios masculino Maubere e feminino Bibere ilustram exemplos característicos em que a partir do nome próprio do filho primogénito (no caso, o de Maubere) ou do da filha primogénita (no caso, o de Bibere) se modificam os nomes dos pais pela posição de Inan ou Aman. Os nomes dos pais do filho primogénito passam para Maubere Inan e Maubere Aman e os dos da filha primogénita para Bibere Inan e Bibere Aman; e se for filho ou filha de Liurai (Rei), então, ainda obrigam a preceder tudo de Nai ou de Noi. Neste caso de primogénitos filho ou filha ou aparentados de Liurai, com os nomes de Benjamim ou de Maria, seria de Benjamim, Nai Benjamim Inan e Nai Benjamim Aman, de Maria, Noi Maria Inan e Noi Maria Aman.

Fernando Sylvan

Timor-Leste, um ano depois de Santa Cruz

Timor-Leste é um problema em aberto que, infelizmente, continua perfeitamente actual, e ainda mais numa altura em que se aproxima o primeiro aniversário do massacre no cemitério de Santa Cruz, ocorrido em 12 de Novembro do ano passado.

Há um ano atrás, e sucessivamente desde então, a opinião pública portuguesa manifestou-se profundamente revoltada com os dramáticos acontecimentos, tendo-se destacado a juventude, e em particular a estudantil, em protestos e iniciativas dos mais diversos tipos. Quase um ano passado, e com a situação a arrastar-se num trágico impasse, vem a propósito agitar de novo o tema, pelo que o escolhemos como efeméride mais significativa do mês de Novembro.

O que propomos aos professores é que abordem com os seus alunos a questão de Timor, da forma que entenderem mais conveniente, e muitas variantes são possíveis, conforme temos visto ao longo dos últimos meses. Mais do que sugerir actividades concretas, preocupámo-nos em inventariar alguns recursos que as escolas poderão utilizar para levar a cabo os seus planos. Planos esses que esperamos possam ser mobilizadores e participados, porque a causa bem o justifica.

UM DOSSIER DE IMPRENSA

Os professores interessados em ter acesso a um pequeno conjunto de textos sobre a questão de Timor, publicados na imprensa portuguesa ao longo dos últimos meses, poderão contactar os serviços do "PÚBLICO na Escola", onde lhes serão facultados.

ALGUMA BIBLIOGRAFIA

A bibliografia de fundo sobre a questão timorense é escassa.

Mesmo assim, é possível referenciar as seguintes obras, editadas entre nós e interessantes por diferentes razões:

A redundância da coragem – Thimoty Mo

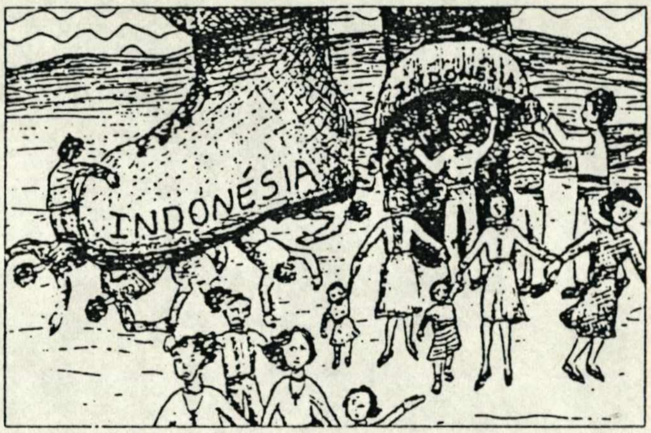
Timor-Leste, violação dos direitos humanos (edição da Amnistia Internacional)

Santa Cruz, o massacre – António Barbedo de Magalhães

Timor, a 27ª província da Indonésia – Nuno Rocha

Descolonização de Timor, missão impossível? –Gen. Lemos Pires

Timor, terra sangrenta – Jill Jolisse



CONTACTOS ÚTEIS

Em Portugal e no estrangeiro, muitos são os grupos que têm como objectivo defender a causa do povo de Timor, junto dos quais poderão ser recolhidas informações e materiais de grande utilidade.

1. Paz e Justiça para Timor-Leste
Paróquia da Pasteleira - Porto Tel. 683409
2. Comissão de Defesa do Povo Maubere
Tv. de Ferreira, 96- 6º Eq. 4200 Porto Tel. 482354
3. Movimento Cristão para a Paz
Casa da Praça, 18 – 3º 3000 Coimbra Tel. 0339/32203
4. A Paz é possível em Timor-Leste
R. de Campolide, 215 4º Dto. ,1000 Lisboa Tel.01/576952
5. Comissão para os Direitos do Povo Maubere
R. Pinheiro Chagas, 77 – 2º esq. 1000 Lisboa Tel.01/3528718
6. Fundação Austronésia Borja da Costa
R. Caetano Alberto, 19 1000 Lisboa Tel.01/8473375
7. Tapol (The Indonisean Human Rights Campaign)
111 Northwood Road — Thornton Heath — Surrey
CR7-8HW Grã-Bretanha
8. East Timor Action Network
PO Box — 1182 — White Plains — New York 10602, EUA
9. Comissão da ONU para os Direitos Humanos
Genebra Suiça.
10. Amnistia Internacional (Secção Portuguesa)
Rua Martens Ferrão, 34 - 3º Dto. Lisboa Tel. 523537

UM FILME

Embora não exactamente sobre Timor, "O ano de todos os perigos" retrata a crise política indonésia de meados dos anos 60, que terminou no golpe militar de 1965 e catapultou Suharto para o poder, onde permanece até hoje, sobre os cadáveres de centenas de milhares de vítimas. É um filme de Peter Weir, de 1982, com Mel Gibson e Sigourney Weaver.

MAIS EFEMÉRIDES DE NOVEMBRO

8/1989 - queda do muro de Berlim

11/1918 - assinatura do armistício que pôs fim à 1ª Grande Guerra

20/1959 - aprovação da Declaração Mundial dos Direitos da Criança

25/1845 - nascimento de Eça de Queirós

30/1935 - morte deFernando Pessoa

I MOMENTO

O "grito de alerta" do trabalho de projecto foi lançado no dia dos Direitos Humanos - 12 de Dezembro - com a afixação de cartazes.

Esta iniciativa teve a função de sensibilizar os alunos para a questão Timorense. Depois de se dialogar com eles acerca do que aconteceu e acontece em Timor Leste, um aluno sugeriu a leitura de uma entrevista a Xanana Gusmão, na aula de Português, que tinha retirado de uma revista.

Dado que vinhamos a tratar o discurso jornalístico, neste primeiro período, achámos de extrema importância levar os alunos a fazer um trabalho de pesquisa e recolha de jornais, que tratassem o assunto, tendo-se para isso deslocado com a professora à Biblioteca Municipal do Porto.

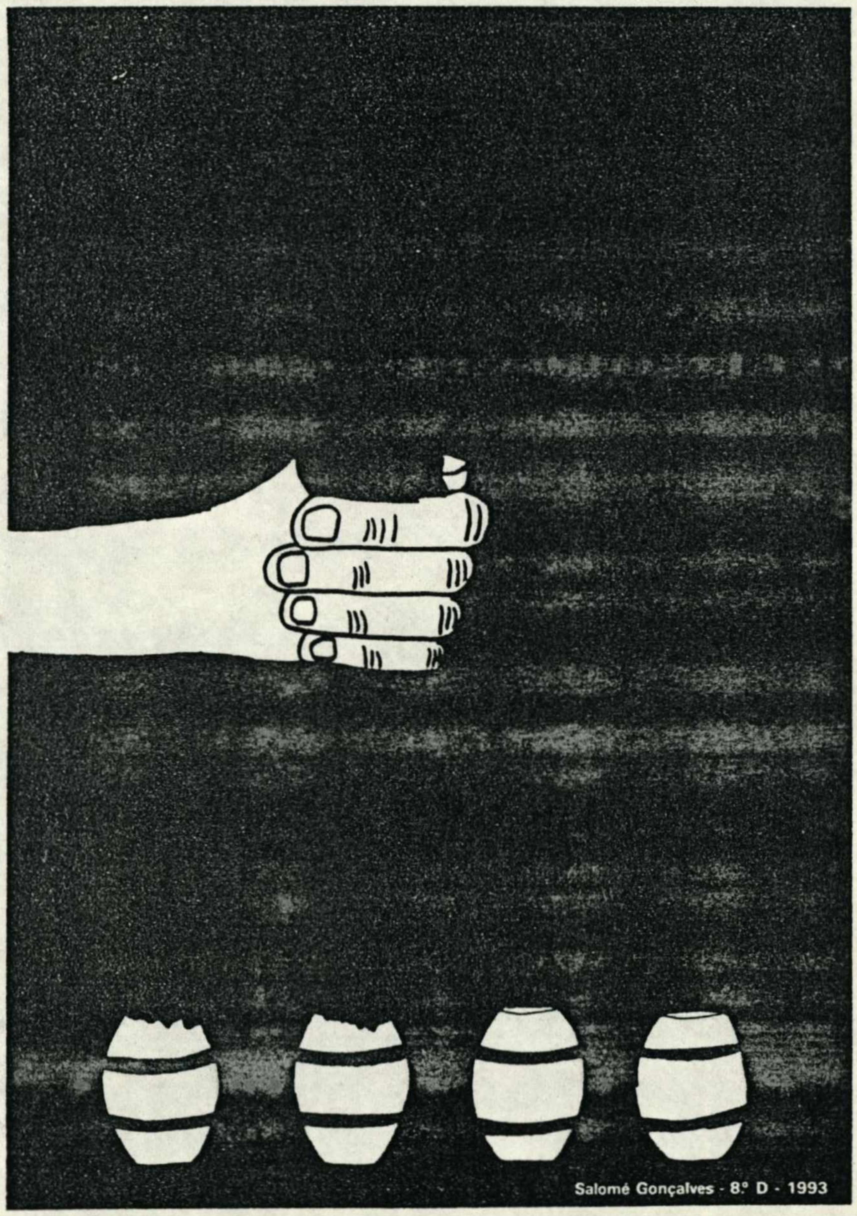
Procedeu-se, depois, a uma selecção e recorte dos grandes títulos, notícias, entrevistas, reportagens e crónicas, que iriam ser afixados.

Estavamos em finais de Novembro de 1992 e a questão timorense parecia estar esquecida.

Apresentamos aqui um dos muitos "placards" afixados.

Ai TIMOR
CONDENAÇÃO UNÂNIME DAS VIOLAÇÕES INDONÉSIAS
NINGUÉM CALA TIMOR-LESTE
Xanana 'power'
A PRISÃO DE XANANA UM SÍMBOLO PRESO
XANANA
Quem é que nos faz parar?
UNIÃO DE FORÇAS POR TIMOR
COMEÇAR de novo
AI XANANA

Como complemento de toda esta informação com recortes de jornais, foi essencial afixar um cartaz com a localização geográfica de Timor. Se se tratava do "Grito de alerta", era fundamental que os alunos conhecessem a situação Geográfica da ilha. Para a realização deste cartaz, pedimos a colaboração de outros professores. O núcleo de Estágio de Geografia disponibilizou-se para o fazer com os seus alunos, colaborando assim da melhor maneira. Participaram, ainda, neste primeiro momento, os professores de Educação Visual pois era necessário um desenho para imprimir num postal, que iria ter um fim útil mais tarde (2° período). Foram eles que, com os alunos, levaram a cabo um concurso de desenho, em que foi escolhido o seguinte desenho:



Concluímos que a interdisciplinaridade é muito importante num trabalho deste género.

Neste primeiro momento, os alunos fizeram a recolha de textos jornalísticos para os cartazes, mas também produziram:

a) Slogans - No âmbito do estudo da publicidade formativa, criaram slogans, a partir de uma imagem que foi levada para a sala de aulas pelo professor.

Os slogans foram reescritos em cartolinas e afixados, juntamente com a imagem, no dia dos Direitos Humanos.

b) Crónicas - Depois de se estudar a crónica, os alunos foram incitados a produzir um texto com características deste texto jornalístico.

Este trabalho de carácter não obrigatório foi feito em casa e não contou para a avaliação do aluno. Assim, este sabia que, ao produzi-lo, o fazia pelo prazer da escrita, e não como garantia de nota. A este prazer da escrita, viria associar-se o prazer de ser recompensado publicamente, pois este trabalho viria a ser lido por outros, inserido numa selecta publicada mais tarde. (VER ANEXO I - B)

c) No segundo período, quando iniciámos o estudo do texto literário, solicitámos aos alunos que produzissem textos sobre Timor.

Por exemplo, na sub-unidade didáctica - os modos de expressão literária, a professora levou uma imagem, como ponto de partida para a produção de um texto no quadro. Em primeiro lugar, pretendeu-se que os alunos descrevessem a imagem. Depois colocaram-se imagens de figuras humanas junto a ela, que introduziram personagens a agir, dando origem a um momento narrativo, no texto. (VER ANEXO II - A)

Os alunos criaram, então, textos que foram submetidos a uma selecção, pois não poderiam ser todos incluídos na selecta publicada a 17 de Março. Estavam, pois, conscientes de que o que produziam iria ter um fim útil a si e aos outros, ou seja, estavam a agir conscientemente, acompanhando sempre, como agentes principais, o trabalho projecto.

DIA DE TIMOR

O dia dezassete de Março foi um dia especial na Escola Secundária António Sérgio. Foi o dia de Timor.

Este dia foi integrado na "semana dos Media" por uma grande razão: não podemos separar Timor dos Mass Media, porque foi a televisão que nos trouxe as primeiras imagens do massacre de Santa Cruz.

Esta actividade foi divulgada na Escola, através da afixação de cartazes e de uma faixa colocada na varanda da sala dos professores, e pelos meios de comunicação social entre os quais a Rádio Nova, que falou da tarde timorense que se ia levar a cabo na nossa Escola, e a RTP através do programa Novas dos Novos. Depois de muitos contactos efectuados, conseguimos que uma aluna nossa fosse participar neste programa, divulgando e sensibilizando, mais uma vez a comunidade em geral, e particularmente os jovens, para a actividade que se iria realizar dois dias depois. Neste mesmo dia, e também para este programa, houve um directo da nossa Escola em que o Núcleo de Estágio de Estudos Portugueses foi entrevistado.

Esta divulgação teve como finalidade preparar o grande dia, que consistiu numa sessão de solidariedade para com o Povo Maubere.

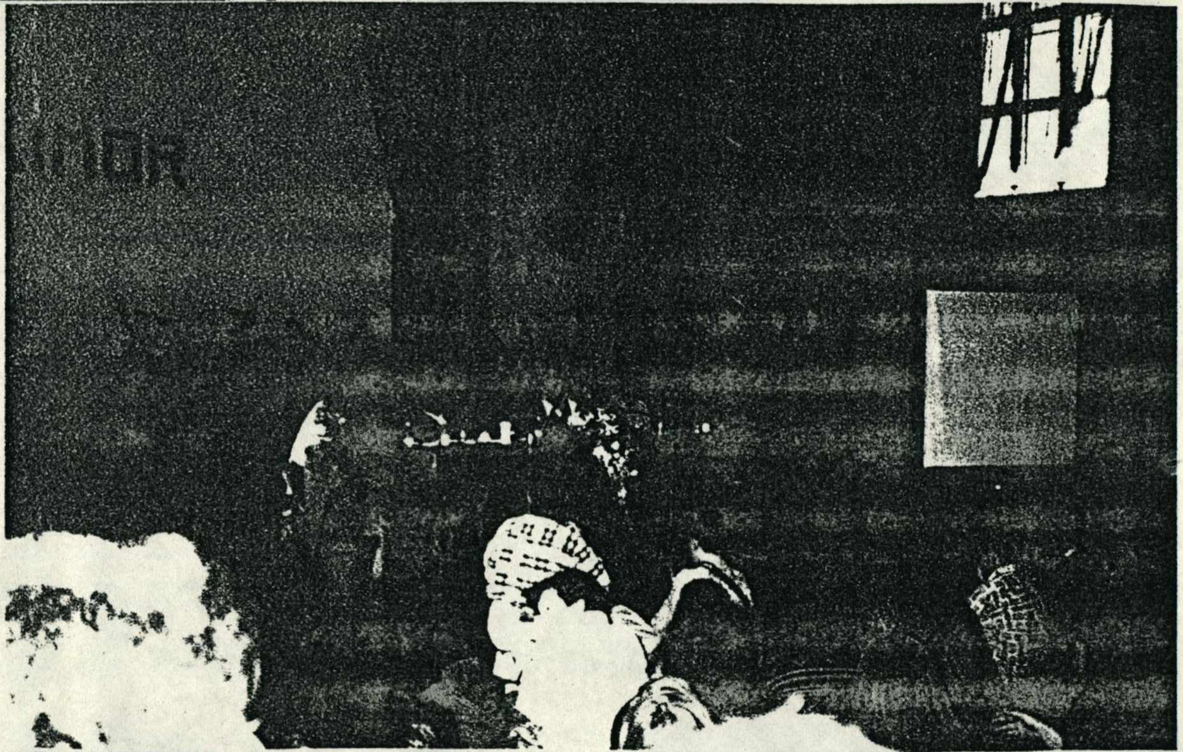
Foram convidadas várias personalidades directamente relacionadas com este problema humanitário, entre as quais o Professor Barbedo Magalhães, autor do livro - Timor Leste e a Ocupação Indonésia e Genocídio, Rui Marques, organizador da Missão Paz em Timor, o Padre Baptista, Pároco da Pasteleira e participante na viagem do Lusitânia Expresso, contando ainda com a participação de alguns timorenses que vivenciaram os acontecimentos do dia 12 de Novembro no cemitério de Santa Cruz.

Neste mesmo dia publicou-se uma "selecta"(a) de textos produzidos pelos alunos, subordinada ao tema de Timor, que foi oferecida aos nossos convidados e vendida a partir deste dia a quem a desejasse comprar.

E porquê inserir esta selecta no âmbito da leitura recreativa? Porque à produção destes textos esteve subjacente toda uma prévia leitura e acompanhamento do tema, através da mais variada tipologia textual, à escolha dos alunos, e porque não sendo a selecta um "livro" de leitura obrigatória, imposta pelo professor, se apresentam aos olhos da comunidade estudantil como mais uma leitura de livre escolha e vontade.

(a) embora o termo aponte para "colecção de trechos literários extraídos de várias obras", vamos apropriar-nos dele em sentido lato, porque considerámos que também estes alunos são os "autores consagrados" da nossa Escola.

MEDIA
DIA 17-3
TIMOR


IMOR

ESCOLA SECUNDÁRIA ANTÓNIO SÉRGIO

Português
Ano Lectivo de 1992/93
8º Ano de Escolaridade
3 aulas

PLANO DE UNIDADE: Conto tradicional timorense - "O crocodilo que se fez Timor"

OBJECTIVOS GERAIS:

- Desenvolver o gosto pela preservação do património literário oral;
- Aprender criticamente o significado e a intencionalidade da(s) mensagem(ns) veiculada(s) pelo conto;
- Reconhecer a importância da estrutura da língua e das categorias da narrativa na valorização estética do texto.

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar o texto a estudar como conto popular;
- Caracterizar as personagens;
- Indicar e caracterizar os espaços físicos em que decorre a acção;
- Distinguir tempo da história/tempo do discurso;
- Indicar o valor dos modos de expressão literária;
- Classificar o narrador quanto à presença e quanto à ciência;
- Detectar a importância dos recursos estilísticos;
- Apontar o valor expressivo da pontuação;
- Indicar o valor do grau diminutivo do nome;
- Diferenciar pronome possessivo/determinante possessivo;
- Referir alguns processos de conexão sintáctica do texto.

CONTEÚDOS:

* Conto popular
    - Personagens
    - Espaços físicos
    - Tempo *
        - da história
        - do discurso

- Modos de expressão literária
    - diálogo
    - monólogo
    - descrição
    - narração
- Narrador
    - presença
    - ciência

Recursos expressivos

- Pontuação
- Personificação
- Aliteração
- Metáfora

Estrutura da língua

- Nome
    - Grau diminutivo
- Pronome possessivo
- Determinante possessivo
- Oração coordenada adversativa *
- Orações subordinadas *
    - temporal
    - relativa

* conteúdos a introduzir nesta unidade

Materiais:

- Motivação - Imagem

- Quadro/Giz
- Conto fotocopiado
- Retroprojector
- Transparências
- Fotografias
- Máquina fotográfica
- Cartolinas

ESTRATÉGIAS / ACTIVIDADES

- Diálogo professor < > aluno;
- Análise do conto;
- Registos no quadro;
- Esquematizações;
- Sínteses;
- Elaboração de cartazes.

Avaliação:

- Observação directa dos alunos, tendo em conta:

a participação
o interesse
o comportamento
a motivação

As professoras

O crocodilo que se fez Timor

Disseram, e eu ouvi, que desde há muitos séculos um crocodilo vivia num pântano. Este crocodilo sonhava crescer, ter mesmo um tamanho descomunal. Mas a verdade é que ele não só era pequeno, como vivia num espaço apertado. Tudo era estreito à sua volta, somente o sonho dele era grande.

O pântano, é de ver, é o pior sítio para morar. Água parada, pouco funda, suja, abafada por margens esquisitas e indefinidas. Ainda por cima, sem abundância de alimentos ao gosto de um crocodilo.

Por tudo isto, o crocodilo estava farto de viver naquele pântano, mas não tinha outra morada.

Ao longo do tempo, milhares de anos, parece, o que ia valendo ao crocodilo era o ele ser grande conversador. Enquanto estava acordado, conversava, conversava... É que este crocodilo fazia perguntas a si mesmo e, depois, como se ele próprio fosse outro, respondia-se-lhe.

De qualquer maneira, conversar assim, isoladamente, durante séculos, gastava os assuntos. Por outro lado, o crocodilo começava já a passar fome. Por dois motivos: primeiro, porque havia naquele charco pouco peixe e outra bicharada que lhe conviesse para refeição; segundo, porque só muito ao largo passava caça de categoria e tenra: cabritos, porquitos, cães...

Muitas vezes, exclamava para si próprio:

— Que grande maçada viver com tão pouco, e num sítio destes!

— Tem paciência, tem paciência... — dizia a si próprio.

— Mas viver de paciência não é coisa que alimente um crocodilo — recalcitrava-se-lhe.

Naturalmente que tudo tem um limite. Incluindo a resistência à fome. E o crocodilo entrou a sentir uma fraqueza que lhe quebrava o ânimo e o definhava. Os seus olhos iam-se amortecendo e já quase não podia levantar a cabeça e abrir a boca.

— Tenho de sair deste lugar, e procurar caça mais além...

Esforçou-se, galgou a margem e foi ganhando caminho através do lodo e, depois, da areia. O sol estava a pino, aquecia a areia, transformava todo o chão em brasas. Não havia safa, o crocodilo perdia o resto das suas forças e ia ficar, ali, assado.

Foi nesta altura que passou pelo sítio um rapazinho vivaz que exprimia os seus pensamentos cantarolando.

— Que tens, Crocodilo, ah!, como tu estás?! Tens as pernas partidas, caíu-te alguma coisa em cima?

— Não, não parti nada, estou completamente inteiro, mas, apesar de ser pequeno de corpo, há muito não aguento com o meu próprio peso. Imagina que nem forças tenho já para sair deste braseiro.

Respondeu o rapazinho:

— Se é só por isso, posso ajudar-te — e, logo de seguida, deu uns passos, carregou o crocodilo e foi pô-lo à beira do pântano.

No que o rapazinho não reparava, era que, enquanto carregava o crocodilo, ele se animava ao ponto de arregalar os olhos, abrir a boca e passar a língua pela serra dos seus dentes.

— Este Rapazinho deve ser mais saboroso do que tudo o que provei e vi em toda a minha vida — e imaginava-se a dar-lhe uma chicotada com a cauda para adormecê-lo e, depois, devorá-lo.

— Não sejas ingrato — diz-lhe o outro com quem ele conversava e era ele mesmo.

— A fome tem os seus direitos.

— Isso, é verdade, mas olha que trair um amigo é um acto indigno. E, este, é o primeiro amigo que tens.

— Então, vou deixar-me ficar na mesma, e morrer à fome?

— O rapazinho fez-te o que era preciso, salvou-te. Agora, se quiseres sobreviver, trabalha e procura alimento.

— Isso é verdade...

E quando o rapazinho o poisou no chão molhado, o crocodilo sorriu, dançou com os olhos, sacudiu a cauda, e disse-lhe:

— Obrigado. És o primeiro amigo que encontro. Olha, não posso dar-te nada, mas se pouco mais conheces do que este charco, aqui, tão à nossa vista, e se um dia quiseres passear por aí fora, atravessar o mar, vem ter comigo...

— Gostava mesmo, porque o meu sonho grande é ver o que mais há por esse mar fora.

— Sonho... falaste em sonho? Sabes, eu também sonho... — arrematou o crocodilo.

Separaram-se, sem que o rapazinho sequer suspeitasse de que o crocodilo chegara a estar tentado a comê-lo. E ainda bem.

Passados tempos, o rapazinho apareceu ao crocodilo. Já quase o não reconhecia. Via-o sem sinais das queimaduras, gordo, bem comido...

— Ouve, Crocodilo, o meu sonho não parou, e eu não o aguento mais cá dentro.

— O prometido é prometido... Aquele meu sonho... Mas com tanta caça que tenho arranjado, quase me esquecia dele. Fizeste bem em vir lembrar-mo, Rapazinho. Queres, agora mesmo, ir por esse mar fora?

— Isso, só isso, Crocodilo.

— Pois eu, agora, também. Vamos então.

Ficaram ambos contentes com o acordo. O rapazinho acomodou-se no dorso do crocodilo, como numa canoa, e partiram para o alto mar.

Era tudo tão grande e tão lindo!

O mais surpreendente para os dois, era o próprio espaço, o tamanho do que se estendia à sua frente e para cima, uma coisa sem fim. Dia e noite, noite e dia, nunca pararam. Viam ilhas de todos os tamanhos, de onde as árvores e as montanhas lhes acenavam. E as nuvens também. Não sabiam se eram mais bonitos os dias se as noites, se as ilhas se as estrelas. Caminharam, navegaram, sempre voltados para o sol, até o crocodilo se cansar.

— Ouve-me, Rapazinho, não posso mais! O meu sonho acabou...

— O meu não vai acabar.

Ainda o rapazinho não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou, aumentou de tamanho, mas sem nunca perder a sua forma primitiva, e transformou-se numa ilha carregada de montes, de florestas e de rios.

É por isso que Timor tem a forma do crocodilo.

CONTO

- **Personagem animal / Espaço**

Com a análise do conto, entramos no momento da leitura metódica, que visa exercitar os alunos na interpretação de textos. E se esta análise faz parte de um todo que é o Trabalho de Projecto nada mais natural que a escolha da obra recaísse num conto popular Timorense, extraído da colectânea de textos timorenses, Cantolenda Maubere, e não numa das obras inseridas nos Programas actuais.

O conto intitula-se "O Crocodilo que se fez Timor" e a escolha teve a ver com o facto de abordar o grande tema da solidariedade, como iremos ver.

O conto inicia com um "incipit" não muito usual "Disseram, e eu ouvi..." que aponta para uma literatura de tradição oral, de boca a ouvido. O facto de haver alguém que ouve uma história e o afirma, confere veracidade a essa mesma história, para além de sugerir a ideia de antiguidade que é reforçada pela expressão "...desde há muitos séculos".

Temos, então, "Disseram, e eu ouvi, que desde há muitos séculos um crocodilo vivia num pântano". Surge-nos, aqui, uma personagem animal, "um crocodilo", e um espaço físico, "um pântano", precedendo cada um desses nomes um artigo indefinido, atribuindo-lhes um carácter indeterminado. Estes irão ser particularizados, de seguida - a personagem, através do determinante demonstrativo "este"- e o espaço, através do artigo definido, masculino, singular, "o".

A individualização deste crocodilo vai influenciar uma determinada caracterização. Sabemos que "Este crocodilo sonhava crescer, ter mesmo um tamanho descomunal". Para além de sonhador, o crocodilo era conversador e "era pequeno", à semelhança de uma característica do "pântano", "espaço apertado". Mas o "pântano" não era apenas um "espaço apertado" "é o pior sítio para morar", tem "água parada, pouco funda e abafada por margens esquisitas e indefinidas". A descrição deste espaço físico revela-nos que estamos na presença de um espaço extremamente negativo e esta ideia está, desde logo, indiciada pela utilização do adjectivo "mau", no grau superlativo de superioridade, que sugere o inferno.

Por tudo isto, o crocodilo sentia insatisfação o que surge expresso no terceiro parágrafo, parágrafo resumo da situação da personagem no seu "habitat" natural - "por tudo isto, o crocodilo estava farto de viver naquele pântano...".

Por tudo isto, mas não só, já que o facto de ser conversador, mas não ter com quem conversar, o levava a um diálogo de "*si per si*", a uma despersonalização, e por consequência a uma igual insatisfação porque "conversar assim, isoladamente, durante séculos, gastava os assuntos". O crocodilo é assim o emissor e receptor do seu próprio discurso, reforçando esta ideia, a forma verbal "respondia-se-lhe", onde os pronomes reflexo e pessoal demonstram ser ele uma única e mesma pessoa no acto da comunicação. A este tipo de conversa daremos a designação de monodiálogo.

Sabemos ainda que para além destes factores "o crocodilo começava já a passar fome", o que levava a um esgotamento de forças.

O crocodilo encontra-se numa situação muito negativa e "Naturalmente que tudo tem um limite". Neste momento levaremos os alunos a reflectir acerca do conceito de "limite". Reflecte, então acerca da sua situação, o que vai provocar uma mudança e daí a resolução "- Tenho de sair deste lugar, e procurar caça mais além...".

Assim, o crocodilo "Esforçou-se, galgou...", dando início à acção, que é introduzida pela a utilização do pretérito perfeito do indicativo, dos verbos e "... foi ganhando caminho através do lodo e, depois, da areia". O crocodilo realiza um pequeno percurso, na tentativa de mudança de um espaço negativo para um positivo, mas não foi isso que aconteceu. Houve, sim, uma alteração de um espaço físico desfavorável para outro ainda mais desfavorável, "chão em brasas", visto que "... o crocodilo perdia o resto das suas forças e ía ficar, ali, assado". Chamar-se-á a atenção para o deíctico "ali" que se encontra entre vírgulas o que se sugerirá o sufoco por que está a passar esta personagem.

PERSONAGEM ANIMAL	ESPAÇO(S) FISICO(S) NEGATIVO(S)
CROCODILO	**PANTANO**
. UM CROCODILO	. UM PANTANO
. ESTE CROCODILO	. O PANTANO
. SONHADOR	
. PEQUENO	. ESPAÇO APERTADO
. CONVERSADOR	. PIOR SITIO
	. AGUA * PARADA * POUCO FUNDA * SUJA * ABAFADA POR MARGENS ESQUISITAS E INDEFINIDAS

INSATISFAÇÃO

" POR TUDO ISTO, O CROCODILO ESTAVA FARTO DE VIVER NAQUELE PANTANO... "

NÃO TINHA ASSUNTO / PASSAVA FOME

. ENTROU A SENTIR UMA FRAQUEZA

. OS SEUS OLHOS IAM-SE AMORTECENDO

SITUAÇÃO LIMITE ——— **GALGOU A MARGEM**

. LODO

. PERDIA O RESTO DAS SUAS FORÇAS E IA FICAR, ALI, ASSADO ——— . AREIA

- **Personagem Humana**

A segunda personagem do conto é humana. Esta personagem não é um rapaz, nem um rapazola, mas um rapazinho; o sufixo -inho sugere, logo à partida, afectividade e carinho.

Esta personagem tem como características a ingenuidade e inocência, típicas de uma criança, para além da vivacidade, referência feita pelo narrador.

Este rapazinho vai ser adjuvante do crocodilo já que o vai ajudar a passar de um espaço negativo (chão em brasa), para um espaço positivo (chão molhado).

As características manifestadas, anteriormente, pelo crocodilo (o ser conservador e necessitar de alimento) vão surgir novamente durante a viagem, em que o rapazinho o auxilia, e estão patentes no monodiálogo.

Porquê ? Porque o crocodilo tinha agora a possibilidade de conversar com alguém, para além de poder continuar a falar consigo mesmo, por lhe ter surgido novo tema de conversa. Por outro lado, tinha agora a oportunidade de se alimentar, comendo o rapazinho.

A conjunção temporal "enquanto", introduzida na frase - "No que o rapazinho não reparava, era que, enquanto carregava o crocodilo, ele se animava ao ponto de arregalar os olhos, abrir a boca e passar a língua pela serra dos seus dentes" - permite-nos concluir que as características atrás referidas surgem numa situação de simultaneidade, já que se podem também detectar as do rapazinho (o ser inocente e ingénuo), por não desconfiar da possível atitude do crocodilo.

Retomando a situação do monodiálogo, podemos ainda acrescentar que é pelo facto de o novo tema da conversa e o alimento terem surgido, que uma nova faceta do crocodilo se vai evidenciar colocando-se-lhe um problema de ética, isto é, uma auto-reflexão sobre o direito, ou não, do ataque ao rapazinho.

Através da última afirmação que faz, apesar de algumas reticências "Isso é verdade...", o crocodilo conclui que não é correcto devorar quem o ajuda.

Se por um lado, a presença das reticências sugerem a interrupção do pensamento, por outro, permitem criar algum suspense relativamente à forma como o crocodilo vai agir, isto é, se vai ou não comer o rapazinho.

Esta ideia é ainda reforçada pela introdução da oração temporal no retomar do discurso do narrador - "E quando o rapazinho o poisou no chão molhado, o crocodilo sorriu, dançou com os olhos, sacudiu a cauda, e disse-lhe..."

O facto de a oração temporal vir no início da frase, vai obrigar a que o pronome pessoal de complemento directo - "o" - esteja anteposto ao verbo - "E quando o rapazinho o poisou no chão...".

Assistimos, então, ao final da viagem e ao início de um novo diálogo entre o rapazinho e o crocodilo.

O crocodilo passou de um espaço negativo para um espaço positivo, não comeu o rapazinho e agradece. Como? Através da linguagem animal, o que traduz gratidão, e através da linguagem verbal - "Obrigado. És o primeiro amigo que encontro".

Os alunos, a partir daqui, serão levados a reflectir sobre os conceitos de amizade e solidariedade nos dias de hoje.

Além destas formas de agradecimento, o crocodilo ainda se disponibiliza para sair do charco, "aqui", que é um lugar limitado e fechado, e ir pelo mar fora com o rapazinho.

Será feita referência ao deítico - "aqui" - que se encontra delimitado entre vírgulas, o que sugere o facto de este lugar ser limitado, onde o crocodilo engorda mas não cresce.

É neste diálogo entre o crocodilo e o rapazinho, que se dá um processo de aproximação através do sonho, na medida em que ambos têm um sonho grande: o rapazinho sonha ir pelo mar fora e o crocodilo sonha crescer, ter um tamanho descomunal.

Chamaremos a atenção dos alunos para as palavras homónimas, pertencentes a duas categorias gramaticais diferentes (nome e verbo) - "... falaste em sonho? Sabes, eu também sonho...".

O crocodilo e o rapazinho separam-se sem que este último se tenha apercebido do que poderia ter acontecido.

Denota-se, mais uma vez, uma das características do rapazinho, a ignorância sobre os pensamentos antropofágicos do crocodilo, "e ainda bem", segundo o narrador. Esta expressão pode sugerir ao leitor que a história não acaba aqui, mas também a simpatia e adesão do narrador, quer à personagem "rapazinho", quer à solidariedade e à amizade que se criou entre as duas personagens.

Após esta separação - "separam-se...", decerto que seguiram caminhos diferentes, mas destes não tomamos conhecimento, verificando-se, assim, a existência de uma elipse. Só depois de algum tempo (indeterminado) é que eles se voltam a encontrar. A expressão "Passados tempos..." introduz uma nova temporalidade e é agora que se assite ao segundo encontro/reencontro. Neste momento, o rapazinho nota uma mundança no crocodilo, mudança esta para melhor. O animal, "sem sinais de queimadura, gordo, bem, comido", apresenta-se com um aspecto diferente daquele que encontrámos anteriormente.

O segundo diálogo entre eles toma lugar neste reencontro. Nele, o rapazinho anuncia o seu desejo de viajar, mostrando-se ansioso em objectivar o sonho. Se, dantes, o crocodilo não aguentava estar no pântano, agora o rapazinho não aguenta não objectivar o sonho - "... o meu sonho não parou, e eu não o aguento mais cá dentro". O crocodilo responde, usando a forma não canónica de um provérbio - "O prometido é prometido". Devido à repetição do vocábulo prometido, verifica-se que a promessa é o elo de ligação entre eles, enquanto separados, e que vai levar à necessidade de a ver concretizada. O crocodilo dispõe-se, pois, a partir porque se encontra bem, dizendo - "O prometido é prometido ... Aquele meu sonho... Mas, com tanta caça que tenho arranjado...". O realce que quisemos dar à adversativa é porque introduz uma oração que traz informação nova e importante, pois ficamos a saber que, entretanto, o crocodilo se tinha esquecido do seu sonho. Proceder-se-á a um diálogo, neste momento, com os alunos, acerca desta situação - um bem material, a caça, que se sobrepõe a um bem espiritual, o sonho - e a uma reflexão sobre a sociedade de consumo nos nossos dias.

Inicia-se a segunda viagem, que é agora marítima, e que tem como sujeito passivo o rapazinho, que se acomoda no dorso do crocodilo (sujeito activo).

Neste momento, estabelecer-se-á um paralelo entre a primeira e a segunda viagem, fazendo-se o seguinte esquema, no quadro:

1º ENCONTRO -> VIAGEM TERRÁQUEA

CROCODILO / RAPAZINHO

CROCODILO	RAPAZINHO
SUJEITO PASSIVO	SUJEITO ACTIVO

2º ENCONTRO / REENCONTRO -> VIAGEM MARÍTIMA

CROCODILO / RAPAZINHO

CROCODILO	RAPAZINHO
SUJEITO ACTIVO	SUJEITO PASSIVO

As duas personagens partem para o mar, sem destino, sempre voltadas para o sol. Na viagem, "Era tudo tão grande e tão lindo!". Este pensamento, de uma ou das duas personagens, é assumido pelo narrador, ou seja, este consegue trazer o pensamento das personagens para o seu próprio discurso, o que o aproxima do das personagens. Os adjectivos Grande e Lindo são enfatizados pelos advérbios de intensidade e qualificam a paisagem da viagem. Remetem, de imediato, para uma imensidão especial que nos é dada:

a) no plano horizontal - Ilhas
Àrvores
Montanhas
elementos da natureza
personificados

b) no plano vertical - Nuvens
Estrelas

c) pela indeterminação temporal - "Dia e noite, noite e dia..."

d) pela enumeração - "Não sabiam se eram mais bonitos se os dias se as
noites, se as ilhas se as estrelas.

Por fim, surge o último diálogo entre as personagens, no qual se constata que a viagem finalizou para o crocodilo, mas não para o rapazinho:

- Ouve-me, Rapazinho, não posso mais! O meu sonho acabou...

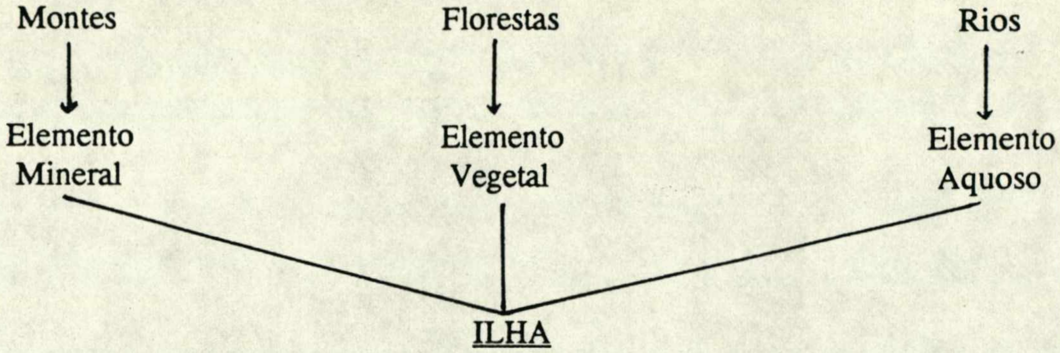
Assim, o sonho desvaneceu-se para o crocodilo e as reticências enfatizam este facto. Por outro lado, o rapazinho mostra-se resoluto em continuar a concretizar o seu sonho, como verificamos na sua última fala "- o meu não vai acabar".

Neste momento, chamaremos a atenção dos alunos para a particularização do sonho do crocodilo, dada pelo determinante possessivo, e que é diferente do do rapazinho. O determinante possessivo tem a mesma forma do pronome possessivo, que se encontra na fala do rapazinho, mas têm funções diferentes.

No final do conto assistimos à concretização do sonho do crocodilo porque este "aumentou, aumentou", ficando com um tamanho descomunal. A repetição da forma verbal aumentou transmite a ideia de gradação ou progressão, e isto "Ainda o rapazinho não tinha dito a última palavra". A forma verbal sublinhada, no mais-que-perfeito composto, reforça a ideia de diálogo, o "dizer" próprio de conto popular.

Por fim, surge o *excipit* - "É por isso que Timor tem a forma de crocodilo", que é similar ao título "O crocodilo que se fez Timor". Trata-se de um título explicativo pois remete para a metamorfose que se dá, no conto, não de animal em animal, mas de animal que se converte em ilha, ficando esta com uma forma homóloga à do crocodilo.

A metamorfose vai gerar um novo espaço:


Montes
Elemento Mineral
Florestas
Elemento Vegetal
Rios
Elemento Aquoso
ILHA

Paradisíaca, bucólica, lugar habitável onde o rapazinho pode viver.

O rapazinho é, de facto, o primeiro habitante da ilha porque se encontava no dorso do crocodilo quando ele aumentou e se transformou.

CROCODILO		ILHA
1 ESTREITO, FORMA, ALONGADA	→	1 ESTREITA, FORMA, ALONGADA
2 ANIMAL DE TERRA E ÁGUA	→	2 ESPAÇO EM QUE A TERRA CONVIVE COM A ÁGUA
3 ANIMAL VERDE	→	3 ESPAÇO COM FLORESTAS
4 PELA VALIOSA	→	4 RIQUEZA, ABUNDÂNCIA FECUNDIDADE DA ILHA
5 ADJUVANTE	→	5 ILHA FAVORÁVEL À VIDA

O "Modus vivendi" do crocodilo permite estabelecer uma relação com a ILHA já que, em ambos, estão subjacentes os elementos ÁGUA + TERRA.

• Narrador

Todos temos consciência de que é muito importante definir as funções que cabem ao narrador, como responsável primeiro pelo processo de comunicação narrativa.

Sabemos que é ao narrador que compete organizar, em termos discursivos, a história. Assim, sendo ele a entidade a quem cabe contar essa história, ele pode fazê-lo de acordo com dois processos, isto é, incluindo-se na narrativa, ou contando-a de fora, sem nela participar, e esta é a posição que nos interessa. Neste caso, e particularmente neste texto, estamos na presença de um narrador não participante, apesar das marcas de primeira pessoa que no texto aparecem, tal como no exemplo "Disseram e eu ouvi" *(pág.15)*. Somos imediatamente levados a concluir que apesar de estas marcas parecerem remeter para o narrador, elas não se integram na história já que a sua presença se justifica como sendo um processo criado para conferir veracidade ao texto, sugerindo ao mesmo tempo uma certa antiguidade da história, uma vez que, como iremos ver, estamos na presença de um conto oral, que é promovido na e pela oralidade, o que consequentemente levanta o problema da fragilidade e precaridade da transmissão.

• Ponto(s) de vista do Narrador

Teoricamente a utilização da perspectiva narrativa, sintetiza-se de acordo com três opções fundamentais - focalização interna, focalização externa e omnisciente.

Para o estudo deste texto, interessa-nos particularmente a última perspectiva.

Observando, por exemplo, a frase: "Este crocodilo sonhava crescer, ter mesmo um tamanho descomunal" (pag.15) vemos que o narrador está a colocar-se, em relação à história, numa posição de transcendência, dispondo de todas as informações que julga necessárias para cabalmente representar o universo diegético. Sendo assim, o narrador converte-se em demiurgo, apto a caracterizar exaustivamente as personagens e os espaços envolventes.

• Tempo da história / Tempo do discurso

Ora, o percurso das personagens na acção do conto é naturalmente balizado pelo tempo. Assim, temos um tempo realmente vivido pelas personagens que se desdobra em anos, meses e dias, mas que, neste conto, nos aparece sempre como um tempo indeterminado, porque as únicas referências temporais com que contactamos são:

"Há muitos séculos"
"Ao longo do tempo"
"Milhares de anos"
"Durante séculos"

Deste modo, poderemos então dizer que estamos na presença de um tempo da história.

Mas, estes séculos ou mesmo milhares de anos aparecem-nos como que resumidos em seis páginas, o que nos leva a falar de uma economia temporal, própria do conto, e a contactar com uma grande concentração de acções. Daí a presença de velocidades narrativas tão redutoras como o sumário e a elipse.

Poderemos, assim, concluir que estamos na presença de um outro tempo. Este aponta para o tempo da história sujeito ao tratamento que o narrador lhe dispensa, podendo contraí-lo ou alargá-lo. A isto chamamos, o tempo do discurso.

• Definição / classificação

Ao tentarmos definir conto, e para evitar cairmos em insuficiências e reducionismos porque não existem definições válidas na sua totalidade, optamos por levar os alunos, com ajuda do professor, a dar uma definição de conto, tendo como base o texto que se tinha vindo a analisar.

Deste modo, os alunos serão levados a concluir que o conto é uma história breve, de enredo simples e linear, que se caracteriza por uma forte concentração da diegese. Esta limitação de extensão arrasta outras limitações, como por exemplo, o reduzido elenco de personagens.

Se a acção do conto se baseia nessa linearidade e nessa concentração de acções, o diálogo vai assumir um papel fundamental, na medida em que é este que vai fornecer determinados elementos de informação.

A expressão conto popular cobre um vasto conjunto de narrativas bastante diversificadas, do ponto de vista temático, o que reflecte a existência de um número elevado de tipos de conto. Sendo assim, parece estarmos na presença de um conto etiológico, porque se explicam as origens lendárias de terras ou gentes de uma forma fantástica e mítica, daí a aproximação que se possa fazer entre este conto e o mito.

• Mensagem(ns)

Tendo em conta a abordagem que foi feita do conto, sobressai imediatamente uma ideia:

O sujeito faz-se na inter-ajuda, na amizade e na solidariedade. E esta inter-ajuda pode ser vista a dois níveis:

- entre Rapazinho/Crocodilo, ou seja, entre Homem/Animal
- e entre Homem/Terra

Assim, deverá sempre haver uma relação de complementaridade entre o sujeito e a terra.

Deste modo, tentamos levar os alunos a tomarem consciência de que eles precisam da terra, e se não a ajudarem a sobreviver também eles não sobreviverão, o que nos remete directamente para o tema da nossa Área-Escola- "Vamos Pintar a nossa Terra".

Foi, então, importrante, num primeiro momento, levar o aluno a contactar de perto com a Natureza, através da visita de estudo ao Parque Biológico de Avintes, o que os levou a elaborar cartazes, subordinados ao tema "Gaia Verde".

Por contraste, e dando continuidade a este trabalho, os alunos irão realizar uma outra série de cartazes, onde incluirão fotografias que evidenciem os focos de poluição e de degradação do seu meio, mostrando uma outra perspectiva de Gaia - GAIA ABAFADA, o que nos remete para o primeiro espaço de que nos fala o texto. Os cartazes das várias turmas depois de legendados, serão expostos nos corredores da Escola.

III Momento

Os postais começaram a ser vendidos no Dia de Timor e irão ser preenchidos com textos trabalhados na disciplina de Língua Estrangeira, com a colaboração dos respectivos professores. Posteriormente, serão enviados para as escolas Associadas da UNESCO.

Para além disso, e por sugestão de um dos convidados do Dia de Timor, o Padre Baptista, alguns desses postais seguiram para entidades eclesiásticas nacionais e internacionais, entre as quais Sua Santidade o Papa João Paulo II, já que no dia 20 de Abril iriam iniciar-se novas conversações entre Portugal e Indonésia, em Roma.

Uma vez programada a análise do conto "Um crocodilo que se fez Timor" para o 3º Período, pediu-se aos alunos, como trabalho para férias, que recolhessem contos etiológicos ou lendas relacionadas com origem de Vila Nova de Gaia. Seleccionar-se-á para análise na sala de aula a "Lenda de Gaia" e as restantes serão lidas no Clube de Leitura ou numa das aulas de Português.

O que é o Clube de Leitura?

Trata-se de um espaço que tem como objectivos:

- Levar os alunos a ler textos de grande fôlego;
- Incutir o prazer de ler;
- Desenvolver no aluno a capacidade de exercer juízos críticos.

Este clube funciona como actividade extra-lectiva e tem lugar uma vez por semana, na biblioteca da Escola, onde os alunos, de uma forma espontânea e desinibida, participam, colaborando com diferentes e variadas iniciativas:

1. Leitura de excertos de obras de grande fôlego escolhidas por eles, já que é "na liberdade de escolha que reside o prazer de ler":
   Os alunos levam uma obra encapada, a fim de esta não ser reconhecida pelos colegas. Cada um lê um dos excertos dessa obra, na tentativa de os outros advinharem o seu título. Se isto não se verificar, o aluno que trouxe a obra terá de fornecer pistas como, por exemplo, o nome do autor, a editora, a colecção, podendo até ler o resumo, que escreveu na ficha de leitura. O aluno, ao seleccionar os excertos, deverá ter em conta que a intenção é motivar os colegas a lerem a obra, pelo que deve, assim, escolher os que mais despertam a atenção de todos .

2. Leitura de textos produzidos por eles.

3. Colóquios e debates subordinados a vários temas:
   - droga
   - liberdade
   - sida
   - amizade

4. Outras actividades:

- "Palavra puxa Palavra"
- "Roda da sorte"
- ...

Estas duas actividades serão realizadas com o intuito de levar os alunos à descoberta de autores e obras literárias.

Após o estudo do conto, iniciar-se-á uma nova unidade didáctica - o estudo do Texto Poético, que terá como ponto de partida a leitura e análise de um texto com características de poesia produzido por um aluno e que faz parte da selecta. (ver Anexo II -B)

No final será feita a avaliação de todo este Trabalho de Projecto onde participaram professores e alunos,e que envolveu a leitura metódica e recreativa.

A

A "Ignorância" sobre Timor

Timor é um assunto que há muito tempo está entre nós, mas existem pessoas pouco esclarecidas sobre o que se passou e o que se passa nessa terra.

Assim, como resultado dessa "ignorância", surgem diversas situações no quotidiano. Na escola, por exemplo, onde os alunos "puxam pela cabeça" para tentar escrever algo sobre Timor:

- Como vocês sabem, irá haver aqui na escola, uma semana dedicada a Timor. Assim, os professores de Português andam a recolher trabalhos sobre o tema e eu decidi que vocês irão fazer uma crónica.
- Uma crónica? Ó "s'tora", fazer uma crónica já é difícil e ainda mais sobre Timor?!

E a confusão gera-se, todos reclamam: uns porque não querem trabalhos de casa, outros porque não sabem fazer crónicas e aqueles, coitados, que não sabem quase nada sobre o tema, ficam aflitos também. E tudo se repete dias depois, quando a professora manda fazer "slogans", textos de argumentação, diálogos e outros trabalhos sobre Timor.

Na rua, duas mulheres conversam:

- D. Lúcia, não entendo mais nada; na televisão só sabem falar de um tal Timor, a Sra. conhece-o?
- Olhe, isso também eu queria saber, já perguntei ao meu filho, mas ele diz que anda tão ocupado que nem tem tempo para ver televisão e ler jornais.
- E os seus netos? Eles já são bem grandinhos, será que não sabem do que se trata?
- Também já lhes perguntei. Esses, televisão vêem, mas na hora do telejornal arranjam sempre algo para fazer e quanto aos jornais, dizem que os desportivos é que "estão a dar".

E agora que tudo já está mais calmo, Timor cai no esquecimento!

- Mãe, o que é que aconteceu em Timor? Agora, o que é que se passa lá? Quem é Xanana Gusmão? Onde fica Timor? E a Indonésia?
- Ó filho, agora não posso, deixa-me ver a novela que esse assunto já está morto e encerrado. Além disso, nunca percebi lá muito bem o que aconteceu!
- É sempre a mesma coisa, quando eu quero saber algo ninguém me diz nada!

Entre amigos a "ignorância" das pessoas mostra-se novamente visível:

- Viste ontem o Xanana Gusmão na televisão?
- Vi sim, foi preso, não foi?
- Xanana Gusmão? Quem é esse? Algum jogador de futebol? Ou piloto de fórmula 1?
- Ó Rui, vê-se logo que não sabes nada sobre o que se está a passar.
- Se alguém me explicasse...
- Está bem, passa logo por minha casa que eu dou-te umas aulinhas!

E é assim, agora é Timor, ontem foi a guerra do Golfo e amanhã, o que será? Será que a "ignorância" das pessoas sobre os problemas nacionais e internacionais irá diminuir? Esperemos que sim e esperemos também que iniciativas como o dia de Timor sejam realizadas, para que as pessoas passem a compreender melhor o que se passou e o que se passa naquela ilha.

Ana Sofia Martins
10°D

Timor

Foi em Dili, depois de teres sido tomado pelos indonésios, que se ouviram vozes ao longe. Era o teu povo que se manifestava pela tua liberdade, Timor. Depois de uma maior aproximação ouve-se o primeiro tiro, que começa aqui, ali, acolá; mais e cada vez mais se vêem pessoas a cairem no teu solo arenoso, outrora coberto de paz.

Foi então que, do outro lado do oceano, aqui em Portugal, alguns dias depois, chegaram as imagens de todo esse mar de sangue que era derramado sobre ti.

Começou a reacção do lado de cá e ouviram-se vozes -"Em Timor, se todos calam, cantemos nós".

Mas era pouco, era preciso fazer mais e mais, pois isto era apenas uma canção, que para muitos representava muito, enquanto para outros não simbolizava nada.

Depois nasceu uma nova esperança, quando o "Lusitânia Expresso" se lançou, na tentativa de fazer ver aos indonésios que os timorenses mereciam a paz; mas a esperança foi por água abaixo, juntamente com uma coroa de flores, que simbolizava o sofrimento dos teus habitantes; foi lançada no teu mar "vermelho".

Agora continuas à espera que algo aconteça, que o teu destino mude e um dia possas ver esse mar novamente azul.

José Garcia
8°1

ANEXO II

A

"A Bela e os Monstros"

Era uma vez uma ilha deserta, coberta por um manto verde e brilhante como uma esmeralda. Não sei se seriam mais bonitos os dias se as noites. O mar calmo, azulado batia na areia escaldante, que contrastava com a transparência da água límpida e fresca, onde se avistavam os peixes numa dança alegre. As palmeiras altas e delgadas enchiam o ar da ilha, a mais bonita e bela que até hoje conheci.

Mas, ao longe, parecia avistar-se uma nuvem muito negra que nos aterrorizou a todos, porque sumiu os raios de sol, outrora luminosos.

Foi o dia 7 de Dezembro de 1975! Irromperam no horizonte homens que espantaram o mundo pela sua crueldade fria e muda, desfazendo o "equilíbrio milagroso" que, até então, atravessara a ilha de "lés a lés". Destruiram a terra. Arrazaram a vegetação. Incendiaram o mar com sangue.

Não se sabe agora se são mais feias as noites ou os dias! O ambiente, agora, é de desespero!

Texto colectivo
8°E

B

Povo Oprimido

Envolto em neblina de aflição
desde há dezasseis longos anos,
Timor suplica um momento de atenção
descobrem-se agora todos os enganos!

Os olhos do mundo
estão postos nas imagens
que um jornalista destemido,
em Timor e sem temor,
filmou de um povo oprimido.

Sara
8°E

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar e Silva, Vítor Manuel - Teoria da Literatura
Coimbra, Livraria Almedina, 1985

- Cunha, Celso e L. Cintra - Nova Gramática do Português Contemporâneo
Lisboa, Editora João Sá da Costa, 1986

- Gomes, Álvaro - Iniciação Activa ao Texto Literário
Areal Editores, 1987

- Jolibert, Josette - Formar crianças Leitoras
Porto, Editora ASA

- Lapa, M. Rodrigues - Estilística da Língua Portuguesa
Coimbra Editora, 1977

- Magalhães, A. Barbedo - Timor Leste - Ocupação Indonésia e Genocídio
Reitoria U.P.

- Moisés, Massaud - Dicionário de Termos Literários
S. Paulo, Editora Cultrix, 1974

- Moreno, Armando - Biologia do Conto
Coimbra, Livraria Almedina, 1987

- Reis, Carlos - Técnicas de Análise Textual
Coimbra, Livraria Almedina, 1976

- Saraiva, António José e O. Lopes - História da Literatura Portuguesa
Porto Editora, 1979

- Novos Programas do Português - Ensino Básico - 3º Ciclo DGEBS

- (Apontamentos da cadeira de Metodologia do Ensino do Português -Faculdade de Letras da U.P.)